



Resenhas

THE GOLDEN RULE

(JEFFREY WATTLES, 1996)

Sergio de Souza Salles

A Regra de Ouro é atestada tanto na sabedoria popular quanto na cultura religiosa e filosófica, seja do Ocidente seja do Oriente. Reunir as suas mais diversas referências ao longo dos séculos, bem como comparar e interpretar os seus significados é a proposta do livro de Jeffrey Wattles, *The Golden Rule*.

The Golden Rule divide-se em duas partes. A primeira, dedica-se à exposição interpretativa das “histórias da regra de ouro”, desde a sua aparição no confucionismo, passando pela sua construção pela cultura grega e judaica-cristã, até chegar às objeções dos modernos à regra de ouro. A segunda parte da obra é consagrada à defesa de uma Ética da Regra de Ouro, sem olvidar a distinção entre uma filosofia moral e uma ética religiosa que, como duas dimensões complementares, podem sustentar uma ética contemporânea à luz da regra de ouro.

Uma breve consulta à bibliografia utilizada pelo autor demonstra a extensão e a atualidade de sua pesquisa, o que não poderia ser diferente para um livro que propõe uma espécie de hermenêutica comparada entre tradições interpretativas da regra de ouro.

Dois problemas, porém, resultam da estratégia adotada pelo autor na construção de *The Golden Rule*. Ao privilegiar mais a história comparada das ideias, o autor acaba dedicando-se muito pouco a pensadores importantes e, ao mesmo tempo, desenvolve insuficientemente a parte dedicada à ética filosófica nos capítulos conclusivos. Com efeito, se a ética da regra de ouro é o objetivo último da obra, nada justifica a sua pequena extensão relativamente à história da regra de ouro.

Em outros termos, a preocupação em desenvolver a história da regra de ouro na cultura religiosa e filosófica faz com que o livro caracterize-se muito mais como obra de referência do que de síntese filosófica. Neste aspecto, pode servir melhor como um sumário das diversas interpretações ou apropriações da regra ao longo da história do que como uma obra de ética propriamente dita. A título de exemplo, há duas páginas somente para descrever a interpretação da regra de ouro em Santo Agostinho e mais duas para Tomás de Aquino e a filosofia medieval. Há uma página e meia para explicar, ao mesmo tempo, John Locke e Gottfried Leibniz...

No que diz respeito à Ética da Regra de Ouro, Jeffrey Wattles destaca o seu carácter de simplicidade como uma virtude, que permite à regra ser intuitivamente assimilada e que compromete o agente moral a tratar o outro como a si próprio. Adverte que a regra de ouro não deve ser interpretada como um axioma normativo capaz de fundar por si só uma ética formalizada, nos moldes kantianos. Ao contrário, compreende a regra como um princípio que, antes mesmo de ser formalizado e racionalizado pela filosofia, já atuava na cultura humana e na sabedoria popular. Nas palavras do autor, a regra de ouro “funciona como uma destilação da sabedoria da experiência humana e da tradição”, servindo a pessoas cultas ou não, educadas ou não, com implicações para a vida social, econômica e política.

Um dos aspectos relevantes da obra facilmente perceptível na leitura de sua “história da regra de ouro” é a manifesta intenção do autor de reconhecer nas culturas religiosas a raiz do sentido ético da regra de ouro. Ao que parece, o autor é aqui influenciado pela leitura de Paul Ricoeur, segundo o qual a regra de ouro é uma fórmula transcultural, conservada nas narrativas religiosas antes de ser plenamente assimilada, interpretada e compreendida pela filosofia. É ainda influenciado pelos fenomenólogos contemporâneos que defendem a empatia/simpatia como um dos alicerces da relação intersubjetiva, defendida na regra de ouro.

Jeffrey Wattles alia-se, nesta perspectiva, ao movimento contemporâneo de reabilitação da regra de ouro como base de uma ética fundamentada racionalmente (filosoficamente) e, ao mesmo tempo, aberta à incorporação do seu valor religioso tal como atestado, em particular, na cultura judaica-cristã.

Deve-se recordar que, em termos bíblicos, a Regra de Ouro é formulada do seguinte modo: “Assim como desejais que os outros vos tratem, tratai-os do mesmo modo.” (Lc 6, 31); “Tudo, portanto, quanto desejais que os outros vos façam, fazei-o, vós também, a eles.” (Mt 7, 12). É possível encontrá-la ainda em Hillel, mestre judeu de São Paulo, em sua versão negativa: “Não fazes a teu próximo o que tu detestarias que te fosse feito”.

Entretanto, o autor deixa claro que a regra de ouro por si só não está necessariamente comprometida com uma única doutrina religiosa, podendo assim servir a diversas morais, religiosas ou não. Em suas palavras, é uma espécie de “linguagem comum do planeta”, compartilhada por pessoas com divergentes concepções de moralidade.

É o reconhecimento desse patrimônio comum, válido ainda para a ética contemporânea, o principal mérito do estudo histórico-filosófico desenvolvido em *The Golden Rule*.

Referência

Jeffrey Wattles. *The Golden Rule*. New York: Oxford University Press, 1996. p. x + 257. ISBN: 0-19-511036-6.